

# Notas do tempo

**V**IVEMOS um tempo de culturite agudo que atingiu também a área do social e se desdobra em «seminários», «encontros», «congressos», «colóquios»... — reuniões que visam reflectir os problemas e procurar-lhes soluções.

É raro o dia em que o correio não traz um desdobrável com uma proposta de inscrição. Uns ficam-se pela «prata da casa»; outros envolvem sumidades estrangeiras convidadas a expor teorias e resultados das suas investigações. Alguns apresentam temas interessantes que constituem uma tentaçãozinha ao dileitante que habita em cada um de nós. O exercício intelectual, o esforço para conhecer também tem a sua componente lúdica, que atrai e entretém, mesmo que nos deixe longe da Verdade, viva e a ser vivida, que é o objectivo autêntico da Inteligência.

Não deixa de ter seus riscos esta inflação de acções teorizantes sem consequências de vida. São frutos do homem pensante — e é bom que o homem pense! Mas é sempre tão limitado o horizonte das ideias, tão em função das circunstâncias do momento — que a pretensão para elas de valor absoluto, perene, que irrompe na alma de quem nas tem, é, na mais benévola interpretação, uma ingenuidade.

«Tua doutrina é boa, / Sim, seja qual for, / Se nela pões teu sonho e teu amor.»

Não tenho à mão, mas creio que foi exactamente assim que José Régio descreveu em um dos seus poemas. E acrescenta: «Sempre será doutrina...» Quer dizer: doutrina «tua», que vale, somente, na condição da «tua» sinceridade, da «tua» vivência dela. Doutrina que tem a avalizá-la uma pureza de alma que induz à Fonte de onde ela foi bebida: «luz da Luz».

Porque foi proclamada, há oito dias, Doutora da Igreja Teresinha de Lisieux: Por uma doutrina verbosa que elaborou?; ou, antes, por uma vida que iluminou um Caminho aprendido na divina Doutrina? — só Ela absoluta, só Ela perene!

Têm seus riscos, sim, estas acções que pairam no domínio do teórico, sobretudo para tantos jovens que constituem os quadros de Técnicos Sociais; para Juízes e Juízas proventura tão cheios de saber livresco quão vazios, ainda, de experiência e de critérios que só a vida vai forjando; para agentes da Comunicação Social que, mesmo resistentes ao vírus do sensa-

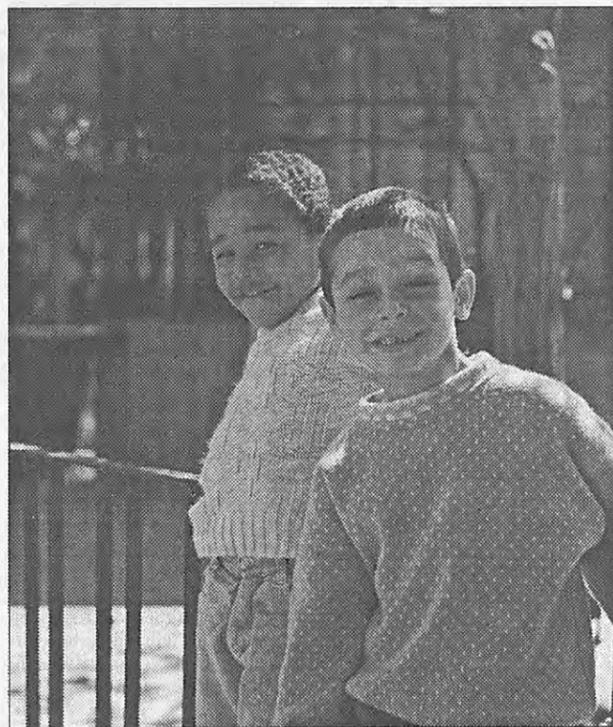
cionalismo que afecta tantos, relatam com juízos de valor, acontecimentos de que não têm qualquer noção vivencial.

E mais — e mais perigoso ainda! — é que esta onda de «intelectualite» não facilita ao homem a disposição para a sabedoria e a prudência a alcançar por um amadurecimento paulatino, disposição esta, essencial, que se chama Humildade e privilegia a vida como expressão das ideias e não ao contrário.

**INTERROMPI** aqui para participar numa celebração de acção de graças pela beatificação de Frederico Ozanam, o Fundador das Conferências de S. Vicente de Paulo. Naturalmente foi evocada a sua obra e a sua pessoa. Recordado o seu perfil de Professor ilustre da Sorbonne e de apóstolo entre intelectuais. Todavia, mesmo no meio destes, o seu grande argumento foi a Caridade, o exercício d'Ela «em obras e em verdade».

Os problemas sociais que ferem tão duramente a face da Humanidade não padecem de falta de estudos nem de estudiosos. De vida, sim — de vidas que se dêem por eles.

Padre Carlos



Wilson e Fábio, de Paço de Sousa.

## Património dos Pobres

### Amontoados de habitações

**D**EMOS muitas voltas a observar restos de barracas já demolidas ou à espera de o ser. Encontrámos muitos terrenos a ficar livres.

Tornámos a dar voltas à procura das habitações para famílias desalojadas ou à

procura delas para habitar e encontrámos muitos edifícios construídos de novo, edifícios volumosos e bastantes que, pelo aspecto, mais parecem amontoados de habitações. Diante deles ficamos com a impressão de que, a viverem ali, dificilmente sentirão estímulos de promoção humana e social.

Não há flores. Não há plantas. Não há vida. Parece um

mundo desencantado. Encontrámos poucas crianças a brincar. Muitos jovens, rapazes e raparigas sentados em bancos ou no chão, à beira das ruas ou em grupo a matar o tempo, grande parte de cigarro na boca ou na mão.

O nosso condutor, à medida que fomos andando, não deixava de lastimar: — Mais gente nova sem ter

que fazer! O trabalho deles é só de noite. É a droga, o assalto, a prostituição e outras coisas. Os dias passam-nos por aqui, assim. A solução era o trabalho. Todos obrigados a trabalhar. Estes bairros são grandes centros de droga e de assaltantes e de outras poucas vergonhas.

Continua na página 4

### ENCONTROS EM LISBOA

## Educação para o trabalho

**E**M nossa Casa tem bastante força a educação para o trabalho. Qualquer miúdo que chega apercebe-se rapidamente que o trabalho é um valor indiscutível na nossa vida. Estamos em crer que é através do trabalho, qualquer que ele seja, que as capacidades do homem aparecem e se realizam. Poderíamos dizer que o amor e o trabalho definem o homem. O amor pela capacidade de comunicarmos, de sermos uns com os outros, de nos solidarizarmos. O trabalho pelo desenvolvimento de toda a nossa criatividade. Diríamos que negar ao homem o trabalho é negar-lhe um direito fundamental para a sua realização.

Neste sentido, cremos ser importante proporcionar a todo o homem a possibilidade de encontrar um trabalho que esteja à sua altura, dentro das suas capacidades. Também creio que é neste louvável interesse que tanto se fala na integração do deficiente na vida activa. Acontece porém que as leis que nos regem são feitas sem

estes princípios de humanidade e, no campo social, a desgraça é grande.

Vou dar um exemplo: Uma pessoa, a quem é reconhecida uma grave deficiência pelos serviços sociais e que, por isso mesmo, recebe um abono suplementar na fase de crescimento, cresce e é educada a não viver de mão estendida numa inutilidade total de vida. Para isso, foi necessário muito investimento de paciência, de expectativa, de encorajamento, de educação. A pessoa aprende a fazer e quer fazer, naturalmente, dentro das suas possibilidades que são inferiores a uma pessoa normal. Essa pessoa encontra quem, no mercado de trabalho, lhe dê trabalho, recompensando com um salário que está, comparativamente aos outros trabalhadores, dentro de uma retribuição justa. Aqui, deveríamos pedir à sociedade organizada, ao Estado e suas instâncias, que, através da justiça distributiva, dessem a essa pessoa as possibilidades de ter uma vida digna acrescentando ao salário

recebido uma compensação social. Desta maneira tudo correria bem. A mendicância dependente, nem que seja dos serviços oficiais, estaria a ser contrariada, a pessoa sentir-se-ia digna no meio dos outros seus iguais. Faria os seus descontos, pagaria os seus impostos se fosse caso disso, etc.

A realidade não é assim. Aos 24 anos a pessoa deficiente tem de escolher entre uma pensão social de miséria ou um subsídio vitalício também de miséria e, pasmemos, não pode exercer qualquer actividade remunerada e legalmente declarada. Assim, ou pára de trabalhar e passa a viver com a esmola de miséria que o Estado dá, ou opta por trabalhar e sujeita-se a ter um salário dentro das suas possibilidades sem ser capaz de o ajudar a viver decentemente; ou, então, última possibilidade, recebe do Estado a miserável esmola e mente dizendo que não está a trabalhar, obrigando outros a mentir também dizendo que não está a trabalhar... Cria-se a indigna sociedade da mentira. O meu raciocí-

nio vai mais longe: mesmo que a pensão social fosse digna, não é humano privar alguém da possibilidade de trabalhar e exercer uma actividade capaz de contribuir para o bem da sociedade em que está inserido.

Gostaria que o Ministro da Solidariedade e o Ministro do Emprego olhassem de frente para este problema. Negar a alguém o direito ao trabalho é grave. Obrigar um deficiente a viver de esmolas de miséria é mais grave ainda.

Quanto gostaria que o meu Paulo, habituado a trabalhar dentro das suas possibilidades, não tivesse que, dentro de alguns meses, ou deixar de trabalhar dignamente dentro das suas capacidades, ou ficar a viver unicamente com a pensão miserável para onde o querem atirar. Ele está habituado a trabalhar e quer trabalhar...

E anda uma pessoa a criar gente digna e dignificada e o Estado a deseducar quem nós criámos.

Padre Manuel Cristóvão

# Pelas CASAS DO GAIATO

## Conferência de Paço de Sousa

**CRUZ DOS POBRES** — Às vezes topamos difíceis situações para tentarmos resolver, entre os Pobres — porque pobres!

Agora, é alguém que caiu no logro.

A lei não desculpa a ignorância da própria lei.

No caso vertente, aos Pobres não se promete; nem poderemos comprometer-nos a reduzir o encargo, pois temos de acudir a outros — em precaríssimas condições.

No entanto, respeitando a necessária privacidade — obrigação do vicentino — e com os olhos na Fé, não deixaremos de procurar tornar menos difícil, menos pesada a cruz que impende sobre essa gente.

**PARTILHA** — Assinante 28053, do Porto: «Envio cinco mil escudos. Mil, de pessoa amiga; mas, que, pela modesta reforma que recebe, não pode ser mais generosa. Depois de saldar a anuidade d'O GAIATO, se algo sobrar, gostaria que o aplicasseis na vossa Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. Sempre que leio o 'Famoso' o meu desgosto é não poder mandar mais!»

Setúbal: cheque do assinante 33888 para «uma necessidade urgente; e, para meu sossego, basta um pequenino aponiamento no vosso Jornal».

Assinante 19148, do Porto, recomenda que o resto de contas do «Famoso» seja também para os Pobres da nossa Conferência, «a distribuir como melhor entenderdes. Tanta necessidade de partilha...! 'É nossa oferta, recebei Senhor! O GAIATO é uma bênção de Deus. Tão pequenino com tanta doutrina! Um abraço...» — que retribuimos com a amizade de sempre.

Para suavizar as carências dos doentes, recebemos parte de um cheque da assinante 26762, de Oeiras. Cinco mil, da assinante 28632, da Capital, «lembrando o filho que também é doente e com o qual gasto grandes importâncias em medicamentos». Mais dez mil, da assinante 10855, da cidade de Ovar: «Há muito que não dou notícias, mas tenho-vos sempre no coração. Ao ler O GAIATO de 27 de Setembro, na coluna da vossa Conferência Vicentina, fiquei impressionada com um caso descrito e, por isso, mando uma ajuda para medicamentos».

Vêm lá, agora, todos aqueles que por aqui passam em «procição», um ou outro há já muitos anos: Três mil, da «Avó dos cinco netinhos», de Setúbal. Assinante 32217, com residência no Canadá, vinte dólares cambiados em escudos «que serão por vós entregues aos Pobres». Mais a «partilha de Agosto/Setembro com saudações fraternas e muita amizade» de «Uma Assinante de Paço de Arcos», que afirma: «Creio que nós, católicos, somos os primeiros a carecer de conversão, pois se a tivéssemos alcançado, ninguém entre nós passaria necessidades». E mais dez mil, de uma viúva, assinante 14493, do Porto,

«pedindo desculpa pelo cartão improvisado». Lemos perfeitamente! Mais ainda «uma pequena migalha que só reunida com muitas outras poderá acudir a tanta necessidade», diz a assinante 57002 da Senhora da Hora. Presença da assinante 113, do Porto, «com uma ajuda para o que for mais oportuno» — no reino da Indigência. E o cheque da assinante 23311, de Setúbal, extensivo a quem precisa.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## TOJAL

**INAUGURAÇÃO** — Foi inaugurado o novo bar. Está bonito como esperávamos. Os nossos leitores ficam convidados a tomarem lá um café.

**OBRAS** — Os pedreiros começaram a restaurar o miradouro onde se encontra o material da agricultura e o das obras; e a reparar o telhado da tipografia para se impedir a infiltração de água, de humidade.

**MERENDA** — Em 25 de Outubro um casal de noivos ofereceu-nos uma merenda bem gostosa — como festa de despedida de solteiros. Muito obrigado.

**FÉRIAS** — Depois das férias da Comunidade o nosso Padre Cristóvão tem agora uns dias de descanso, também. Esperamos que os aproveite — a bem da Comunidade.

**MATANÇA** — Abatemos um grande porco, sinal de que vamos ter carne fresquinha e caseira.

Arnaldo Santos

## PAÇO DE SOUSA

**VISITAS** — No último domingo de Outubro recebemos muitos visitantes; até pessoas de idade que vieram de muito longe para conhecerem melhor a nossa Obra. As pessoas saem sempre daqui felizes porque vêem e sabem que somos bem estimados.

«Albufeira»

**PASSATEMPO** — Depois de estarmos fartos de jogar ao berlimde, vêm agora os piões — para pequenos e grandes. O objectivo dos jogadores: tentarem partir ou lascar um pião que ficar na roda.

**TEMPO** — O Outono entrou com bastante vento e chuva. As folhas não aguentam a força do vento, e caem mais facilmente.

**FÉRIAS** — O nosso Padre Carlos também seguiu para férias, algures.

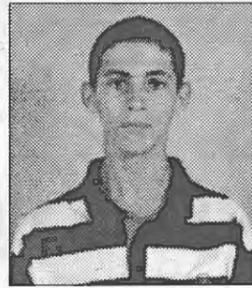
Precisava muito de descansar...!

Ele é o mais responsável pela nossa Obra — a Obra da Rua.

**PEDIDO DE MAPUTO** — Os nossos companheiros de Moçambique, por intermédio do

## RETALHOS DE VIDA

### Telmo



Eu sou o Telmo Ricardo Chança Alexandre. Nasci no dia 14 de Agosto de 1982, na freguesia e concelho de Vila Franca de Xira, distrito de Santarém.

Antes de vir para a Casa do Gaiato, e já foi em 4 de Novembro de 1990, vivia com os meus familiares.

Gostava de viver na minha casa porque gosto da minha mãe; mas, às vezes, o meu pai batia-me com paus — sem razão.

Quando saía da cama ele obrigava-me a fazer de comer; eu não sabia e batia-me com paus e chicotes. Por tudo isto, eu fugia de minha casa para a dos meus tios e, à tarde, brincava com os meus amigos e com os meus irmãos.

Aqui, na Casa do Gaiato de Paço de Sousa, estou bem porque como bem, brinco com os meus colegas, tenho a minha obrigação e estudo.

Quando for grande quero ser jogador do Benfica!

Telmo Alexandre

Quim carpinteiro, pedem encaixadamente aos nossos Amigos que lhes ofereçam equipamento para a equipa de futebol, a seguir no próximo contentor. Eles estão perto da terra do célebre Eusébio, do Benfica...

Rui Manuel Silva

**DESPORTO** — Em 19 de Outubro recebemos o Grupo Desportivo da Raposa, equipa de António Safanete, antigo gaiato. Foi um bom jogo de futebol. Vencemos por 4-1.

Em 26 de Outubro recebemos a equipa do Virgílio, um antigo gaiato, também. Começámos bem e marcámos um golo antes de terminar a primeira parte. Na segunda parte sofremos dois golos em três minutos. O guarda-redes é inexperiente, pois o guardião principal está castigado. A cinco minutos do fim marcámos novamente.

Para confirmação de jogos é favor escrever para Grupo Desportivo da Casa do Gaiato, 4560 Paço de Sousa; ou telefonarem para «Albufeira» 055-752285, «Cenoura» 02-570300 ou pelo fax 055-753799.

«Albufeira»

## LAR DO PORTO

**CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS** — Como é difícil entrar no Reino do Céu! «Vai, vende o que tens, dá o dinheiro aos Pobres e terás um tesouro no Céu».

Como este mundo seria bom se cumpríssemos o que o Senhor manda! Mas, para muitos, é mais fácil fazer ouvidos moucos a estas palavras, nos meios de Comunicação Social, abusando da posição social que ocupam no mundo... Enganam-se a si próprios porque lhes convém.

Entretanto, vão vivendo no fausto. Casas com piscina, chás

10.000\$. Cheque, de 3.000\$, de Maria Beatriz, de Lisboa, com a promessa de voltar.

Muito obrigado.

Conferência de S. Francisco de Assis — R. D. João IV, 682 — 4000 Porto.

Olga e Valdemar

## Associação dos Antigos Gaiatos do Norte

A Direcção da Associação dos Antigos Gaiatos do Norte realizará a habitual Festa de Natal destinada a todos os pequeninos até aos 12 anos de idade, filhos e netos de associados — e mesmo não associados que pertençam à grande família dos Gaiatos.

A Casa do Gaiato tem estado sempre presente, através do apoio dos Padres da Rua que dão os brinquedos e as guloseimas distribuídas aos miúdos; e, ainda, uma palavra amiga.

As Festas do Natal são a menina dos olhos da Casa do Gaiato. Verificamos a grande alegria dos nossos Padres no contacto com todos aqueles pequeninos, que mais não são que rebentos da fecundidade da Obra da Rua e um hino de louvor a Pai Américo.

A semelhança dos anos anteriores, a festa será em Paço de Sousa. Pensamos que, desta vez, será já no salão de festas

da Escola, onde poderemos estar mais à vontade.

Este grande convívio será no dia 21 de Dezembro (Domingo), pelas 15 horas, com um programa variado, próprio da quadra natalícia; e, claro, como não podia deixar de ser com a distribuição de brinquedos e guloseimas à pequenada. Vamos todos colaborar. Se tens um filho ou neto com jeito para cantar ou outra habilidade, prepara-o para na altura estar em forma.

Para sabermos o número de meninos e meninas que irão estar presentes, solicitamos que nos devolvas, até ao dia 30 de Novembro, um talão picotado que enviámos aos sócios devidamente preenchido com os nomes dos teus miúdos; serve, contudo, um papel qualquer.

Caso tenhas conhecimento de algum colega (gaiato) que não tenha recebido esta circular, dá-lhe conhecimento da Festa e convida-o para que possa estar presente.

Aproveitamos esta nota para informar que na última reunião da Direcção foi avançada a ideia de reuniões (convívios) mensais de casais, em locais a escolher mês a mês. Do programa constará um almoço, seguido de reunião, para se discutir o que for conveniente à Associação. Pensámos que irão ser encontros para fortalecer os laços de amizade daqueles que têm o mesmo Pai comum, Pai Américo.

Caso não tenhas carro e estejas interessado, inscreve-te porque haverá sempre um com lugar.

Para mais informações contactar Fernando Marques, telef. 02-819951.

Fernando Marques

## TRIBUNA DE COIMBRA

### Final das obras

**A**NDAMOS na fase final das obras da casa nova e do lar. As designações de «nova» e de «lar», provêm dos anteriores edifícios. Ficam bem nestes novos por manterem, obviamente redimensionadas, as estruturas indispensáveis que nos serviam as anteriores: sala de TV, sala de jogos, bar, quartos de hóspedes e casais, e camaratas dos mais velhos. No lar: duas salas de estudo, biblioteca, sala de convívio, quatro camaratas de cinco e uma de três para os chefes. O lar ficará ainda dotado de balneário e rouparia. Na cave do mesmo, barbearia, armazém de roupa e calçado.

Faltam ainda os arranjos exteriores: jardins e calçadas. O tempo invernal cedo demais e tem provocado bastante atraso nestes ditos arranjos. Julgamos que antes do Natal tudo estará a servir em pleno.

Tem sido uma intervenção dispendiosa, mas necessária. Permita Deus que seja apreciada por todos, sobretudo por aqueles a quem se destina: os Rapazes.

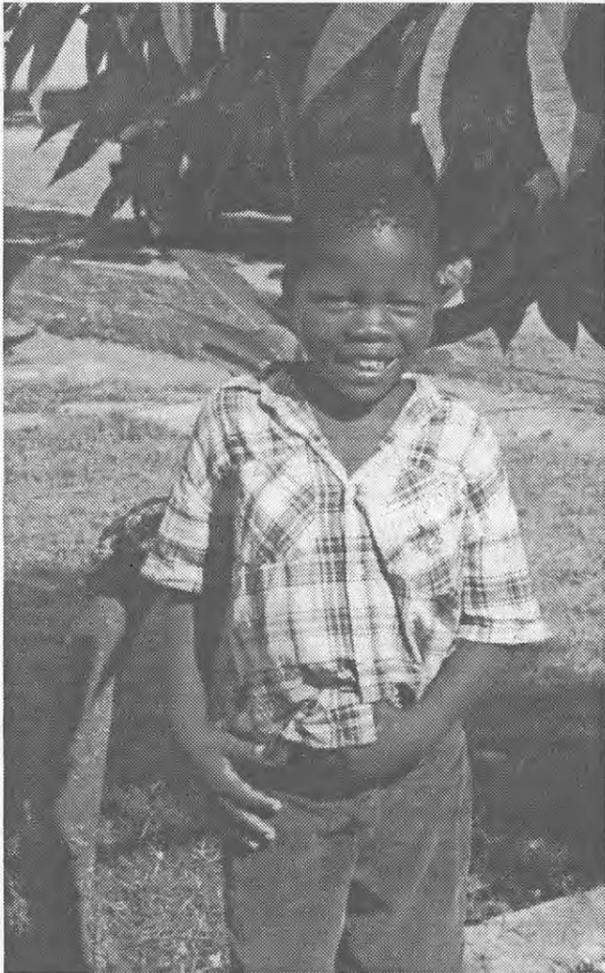
Sabe bem ouvir dizer a quem nos visita, que tudo apresenta um aspecto mais agradável e acolhedor; que há beleza e bom gosto. Diz bem de si próprio, do seu coração e alma, quem assim sabe apreciar. É um apreciar positivo e nobre. É também uma forma de exultar com o erguer-se dos mais pobres.

«Nós pomos-lhe a mesa...» — ajustava Pai Américo quando, certamente, não pensava só na alma mas também no corpo.

«Pôr a mesa...» Dar ao Rapaz a oportunidade toda e... chorar quando ele a rejeitar. «Chorar os nossos pecados.»

Padre João

**SAIBAMOS REPARTIR O PÃO** — J. R. D., 2.000\$. Um vale de Maria Marques,



# Mozambique

## Quanto devemos aos Amigos da Obra da Rua!

**A** gente vive numa ansiedade tão grande de dotar os rapazes com tudo o que é necessário para que eles estejam bem, que não saboreia nem o que está feito nem o que recebe para fazer mais. Isto é um sorvedouro, a vida uma corrida, a meta está para além dela, embora já perto.

Visitantes que chegam a primeira vez ao cimo da Aldeia, junto aos escritórios, olham e dizem: — *Mas como é que veio aqui para cima? Isto é bonito!* Como penso, anseio torná-la mais bonita quando os campos estiverem cultivados convenientemente e o interior da Aldeia com suas passa-

deiras e jardins a enfeitar; como é à espera disso que estou há seis anos, nem acho graça que tenham louvores ao que está feito. Eu só vejo o que não está.

Por isso, dizia, não saboreio, não, nem tenho tido tempo de reparar. E reparar em dois sentidos; olhando, saboreando, e devolvendo gratidão a quem ajudou.

Tenho falado da U.E. que nos ajudou a levantar a Aldeia — e nem reparo que isso pode criar interrogação. — *Ele foi fazer isso?* Sim, simplesmente porque o dinheiro estava disponível. Foi preciso só arrumar papéis para o dinheiro sair do seu lugar e chegar aqui. Se não fizesse, alguém o faria e não o seria para estes ou nem seria para nenhum.

Mas quanto devemos aos Amigos da Obra da Rua, que religiosamente entregam em nossas Casas de Portugal o donativo que chega aqui. Estes seis anos em alimentação, cuidados de saúde, escola e livros, salários e professores. Todo o nosso equipamento da Casa: cozinha, oficinas e alfaias agrícolas. Mais oitocentas e tantas crianças nas creches, com cuidados de alimentação e saúde e escolinha até à primeira classe já. Quantas vidas salvas a tempo, pelo socorro imediato com os remédios que daí nos vêm! Os dois carros que temos, comprados com ajuda da nossa Obra, passam ambos de duzentos mil quilómetros, inúmeras vezes andados com o coração aflito por chegar ao hospital; outras vezes dilatado porque transportamos o alimento para toda esta pequena multidão abrigada à sombra da Obra da Rua. Estamos a atingir directamente mais de mil com rapazes, crianças e adultos que daqui levam o seu sustento em troca do seu trabalho. Isto até temos timidez em dizê-lo. Pode parecer que perdemos a cabeça ou estamos a vangloriar-nos. Não temos pernas nem mãos que cheguem a tanto, mas ao olhar para tudo parece que só voando se vê.

Muitas e muitas vezes tenho dito aos rapazes que a maior prova de que Deus os ama é que eles não sabem como nem de quem vem a ajuda para que nada lhes falte. Nada para morar, nada para comer, nada para aprender nas escolas e oficinas e no campo, nada para crescer com alegria e confiança — por serem amados.

Um caso: O Casimiro entrou aqui cheio de medo e chorou até que resolveu ir embora. Depois, regressou. Hoje é um rapaz feliz nos seus doze anos. E tão espontâneo e brincalhão como aplicado no estudo e ao trabalho. Ele é do grupo do gado leiteiro, de qualidade tão rara como o Casimiro. A nossa veterinária morre de afeição pelas vacas e pelo Casimiro, claro. Ganhou uns óculos de sol. Usou-os a toda a hora, contente e importante. Ontem reparei que os não trazia. — *Estão guardados.* — Aonde, se nem mesinha de cabeceira tens? — *Estão debaixo da almofada da cama.* Nem duvido que assim seja, pois, com certeza, o Casimiro não se atreve a mentir.

Alegre e à vontade como se sente, contou espontaneamente a razão porque se foi embora, poucos dias depois de chegar aqui. — *Eu*

*tinha medo! Eu pensava que me haviam de matar e comer. Agora, isso já não passa pela minha cabeça.* Que dizer: o Casimiro vivia marcado em relação aos brancos. Hoje já se demarcou, conscientemente, de dores e de temores.

É curioso poder associar o sentir primeiro do Casimiro, ao de tantas pessoas que viveram aqui e, sonhos desfeitos, refizeram suas vidas em Portugal ou noutros lugares do mundo e não deixaram de pensar nos mais abandonados que por aqui há. Talvez um sentimento gêmeo ao do Casimiro em relação à História. Mas, sem dúvida, um viver de mãos estendidas para esta Casa, onde os rapazes vão sonhando, crescendo e realizando neles o futuro melhor que todo o mundo anseia para si.

Padre José Maria

## DOCTRINA

O Bem, bem feito, nunca seca.



prenderam como lançara tanto, quem tão pouco tinha dado. Naquele tempo só o oiro é que reluzia; e ainda hoje é assim para a mediocridade onde se encontram as maiorias. Sim; fico sempre deslumbrado.

**E**STAS esmolas são a espinha dorsal da Obra da Rua e o penhor da sua continuação. Cerro os olhos da cara para assim ver melhor o sítio de onde elas vêm; e, ao abri-los, tal como no Tabor, Pedro, Tiago e João, eu não vejo mais ninguém senão somente Jesus — *nisi solum Jesum*. Senhor, daí que eu me deslumbro todos os dias no Altar, Tabor vivo e escondido; e que saiba viver unicamente dele, para ele, a fim de que todos me vejam quando eu passo e me respondam quando eu chamo!

**O** meu filho mais novo que tem estado até hoje no Lar do Ex-Pupilo, de Coimbra, acaba de ser transferido para a Casa do Gaiato; é que, ali, todos lhe davam de comer e o petiz comia da mão de todos; de sorte que, chegada a noite, encontrava-se enfartado e mal disposto. Agora, não. Alimentação inteligente servida a tempo e horas. Ele fez um ano no dia de S. Francisco de Assis.

**F**IZEMOS marmelada, de marmelos da quinta. Era de ver os garotos, campos abaixo, com os tachos na mão, em disputa de quem os havia de rapar! O estrangeiro que temos em casa não sabe dizer rapar; fazia o gesto com a mão e rapou tanto como os mais! Se me mandasses castanhas ou nozes para as merendas... É que não temos agora nada de que as fazer. Esta hora é verdadeiramente familiar; uns terão café com leite, outros fruta, outros alguma coisa que sobrou do meio-dia, e outros — nada! Já tem calhado assim quando não há para todos; e todos ficam contentes.

*D. Amén. 5.1*

(Do livro *Pão dos Pobres* — 3.º vol. — Campanha de 1941 a 1942)

## PASSO A PASSO

# Só onde o Amor aí a Vida

ÀS VEZES ficamos parados...

Não há caminhar verdadeiro sem paragem. Senão, leva-se tudo à frente. E quem não pára, envolver-se-á no turbilhão.

Jesus, Aquele que transformou a História e lhe recuperou sentido, teve a Sua vida entre nós marcada por muitas paragens. Constantes. Eram tempos de grande dinamismo em que a Vida, por excelência, acontecia.

Só com a presença do Autor da vida, esta é. No surgir da vida criada estão presentes o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Na manifestação da Vida aos homens sempre a Trindade esteve presente. E continua a ser necessária esta presença...

É o Espírito que comunica a Vida. E o Espírito é o Amor que sempre chama a diversos modos de viver. Não há vida sem amor. Não há Vida sem o Espírito Santo.

Mas é o Pai quem atrai à Vida. Atrai o Filho e todas as criaturas no Espírito. Só aquele que é atraído pelo Pai alcança a Vida. Porque é neste atrair que Deus manifesta conhecer a criatura. E este conhecer é predestinar e chamar à partilha da Sua vida. Pela justificação é-lhe dada a possibilidade de participar na Glória, na Vida de Deus.

**MAIS UM TEMPO** concorrido de visitas a túmulos vazios passou. Quem procura a Vida verdadeira? Como a há-de procurar quem pensa já A ter na sua própria mão? Ou porque, nunca saindo do deserto das ilusões, se lhe transformou numa miragem?

Se ao menos este tempo de olhar os mortos tivesse servido para parar... E na morte descobrir a Vida, pois o nosso Deus não é um Deus de mortos, mas de vivos, mesmo daqueles que já tenham morrido!

Será que o Pai já não atrai ou são os homens que não sabem acreditar para distinguir o olhar de Deus?

Acreditarem no primeiro anúncio que a vida trouxe consigo: A Obra da Criação nasceu do Amor. E só onde o Amor, aí a Vida.

Num cemitério não há amor. Somente um sinal de alguém que passou e já partiu.

Há quem teime em viver num mundo de vivos que estão mortos por recusar a comunhão dos mortos que estão vivos...

Padre Júlio

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Outubro 69.650 exemplares.

## CALVÁRIO

# Não é o servo maior do que o seu Senhor

**C**OM a melhor das intenções alguém vem ter comigo e faz-me ver, na sua óptica, que a vida que levo nesta Casa não é própria dum padre. Tratar doentes limitados e dependentes é tarefa para outras pessoas. E argumenta que eu

não tirei um curso de Teologia para executar coisas tão banais, mas para outras bem mais importantes e necessárias no seio da Igreja.

Admirado com a advertência fraterna e meio perplexo, respondo que não faria coisas assim tão insignificantes, se precisamente não tivesse tirado um curso de Teologia. Ai provavelmente que não! Porque o tirei é que as faço. Agradeço a correcção fraterna deste amigo escandalizado, mas não lhe prometo desviar o rumo do meu agir.

Recebo doentes que ninguém suporta e tento proporcionar-lhes os cuidados que a situação de cada um exige.

Atordoado, quase a ter pena de mim próprio com o que ouvira, desando para a capela.

No caminho o vulto deste senhor transforma-se, na minha mente, na figura de Pedro da Galileia. O Apóstolo, naquela noite, ao ver o Mestre ajoelhado com a toalha à

cintura e a bacia de água nas mãos para lhe lavar os pés, acha que aquilo não é digno do Filho de Deus. Opõe-se frontalmente e só a custo o consente.

Abro a porta da capela. A meia claridade que nela reina insufla logo a paz a quem entra. O Senhor do silêncio está, talvez a rir-se, pois sabe ao que venho. Tomo forças e começo baixinho:

— Senhor, ao ajoelhar-Vos diante de Pedro caí por terra algum pedaço da dignidade do Mestre diante do discípulo? E ele tinha os pés sujos? Certamente, pois andava de sandálias e os carreiros daquele tempo eram de terra batida.

Quisestes ir à nossa frente no serviço dos Outros: — Assim como Eu fiz, fazei vós também.

Sois, na verdade, exigente. Talvez por isso tenhais tão poucos amigos.

Com aquele gesto pretendestes virar o nosso mundo do avesso! E «*não é o servo maior do que o seu Senhor*». Raros Vos

entendem. E quando alguém tenta seguir-Vos, levanta-se logo um Pedro na cátedra a defender a ortodoxia da tradição, das conveniências sociais.

Se me debruço sobre os doentes que aqui tenho, é porque o aprendi a fazer conVosco. Aliás, Pedro podia muito bem lavar-se sozinho, mas a maioria destes doentes não. Entrego-me a estes cuidados sabendo que os menos inválidos não me deixam só e copiam e actuam, e, às vezes, já não sou preciso para nada.

Olhai como eles se entre-ajudam religiosamente. Basta um toque leve que eles andam logo. Até os cegos vêem, os coxos andam, os mudos falam, os surdos ouvem e os quase inúteis são preciosos naquilo que empreendem.

E que faço no meio deles? Vou simplesmente à frente, para logo ser ultrapassado.

— *Deixe que a gente faz.*

A porta da capela abre-se ruidosamente. Espavorido, o Carlos entra de rompante e exclama a gaguejar, como é seu hábito:

— *Anda. Vem depressa que o João caiu da cama abaixo e está sujo e eu não posso sozinho.*

Afinal, o Senhor do silêncio fala e pela boca dum inocente manda-me sair da capela.

Padre Baptista

## PENSAMENTO

Tenho chorado vezes sem conta nas ruas mai-las *desenganadas*. Outras tantas vezes tenho ido humildemente à presença dos senhores faustosos, pedir-lhes que emendem e que se emendem — e só topei um justo!

PAI AMÉRICO

**D**ESCI, há momentos, o morro da Graça, onde está implantado o bairro do mesmo nome. Subi o morro, levado pela mão de alguns moradores aflitos porque não têm cobertura para as suas moradias. A sua esperança está na Casa do Gaiato. Antes de decidir, vou ver. Esta gente muito pobre e miserável, na sua maioria, gosta de nos ver a pisar os mesmos lugares por onde passa e onde vive. Não fossem as ocupações absorventes com a vida da Casa do Gaiato, havia de passar boa parte do dia no meio deste povo, como sinal de esperança e de ajuda efectiva.

A casa é factor importante numa vida normal. Por mais pobre que seja, desde que tenha o mínimo necessário, ajuda a estabilidade da família. Cada povo tem o seu jeito de construir e aproveita os materiais de que pode dispor. Por vezes, são de tal maneira frágeis que duram pouco tempo. Mas não têm possibilidades para melhor. Os produtos da indústria fabricados para o efeito não estão ao alcance financeiro do povo, em

geral. Se não houver quem dê a mão, nem o tijolo normal nem a chapa de fibrocimento ou de zinco chegam às moradias dos Pobres. Por isso, voltam-se para a Casa do Gaiato a pedir ajuda.

Desta vez, não pude dar quanto queria. Só dei metade. A outra metade ficou por cobrir. O nosso método é andar com quem anda, dentro das possibilidades de cada um. A um chefe de família que nos veio pedir dinheiro para a sua casa disse-lhe que levantasse, primeiro, as paredes; depois, e só depois, iria a nossa parte. Entendeu e fez. Nós também fizemos.

A habitação é um sector muito sensível da vida de qualquer sociedade. Muitos males e muito bem nascem desta fonte. Onde

a habitação é indigna há uma fonte de vícios que afectam a sociedade. Em primeiro lugar, a família. Por isso, havemos de fazer tudo quanto pudermos neste campo.

À hora em que escrevo, oiço grande barulho lá em baixo. São as crianças a sair da escola para o almoço. Sei que muitas delas vivem amontoadas em suas cubatas. São pequenas. Não conheceram outro modo de estar. A medida que os pais vão despertando para o problema criado por essa situação anormal, dar-lhes-emos a mão.

Qualquer ajuda é uma gotinha d'água no oceano. Não importa. Há um perigo que está à espreita em situações como esta que nos é

dado viver. A dimensão dos problemas é de tal ordem que podemos julgar nada poder fazer. Daí à insensibilidade é um pequeno passo. Oxalá tal não nos aconteça! O Ministério da Família e Promoção da Mulher já nasceu!

Sempre que passo pelo bairro dos Navegantes dou com um aglomerado de casas, feitas com materiais definitivos, bem ordenadas, construídas para ex-militares mutilados. Quem dera houvesse iniciativas semelhantes, espalhadas pelos bairros que rodeiam a cidade de asfalto. Tenho esperança de que, a nível nacional, o problema da habitação condigna seja tido como uma prioridade. A defesa da família, como célula da sociedade, passa pela habitação.

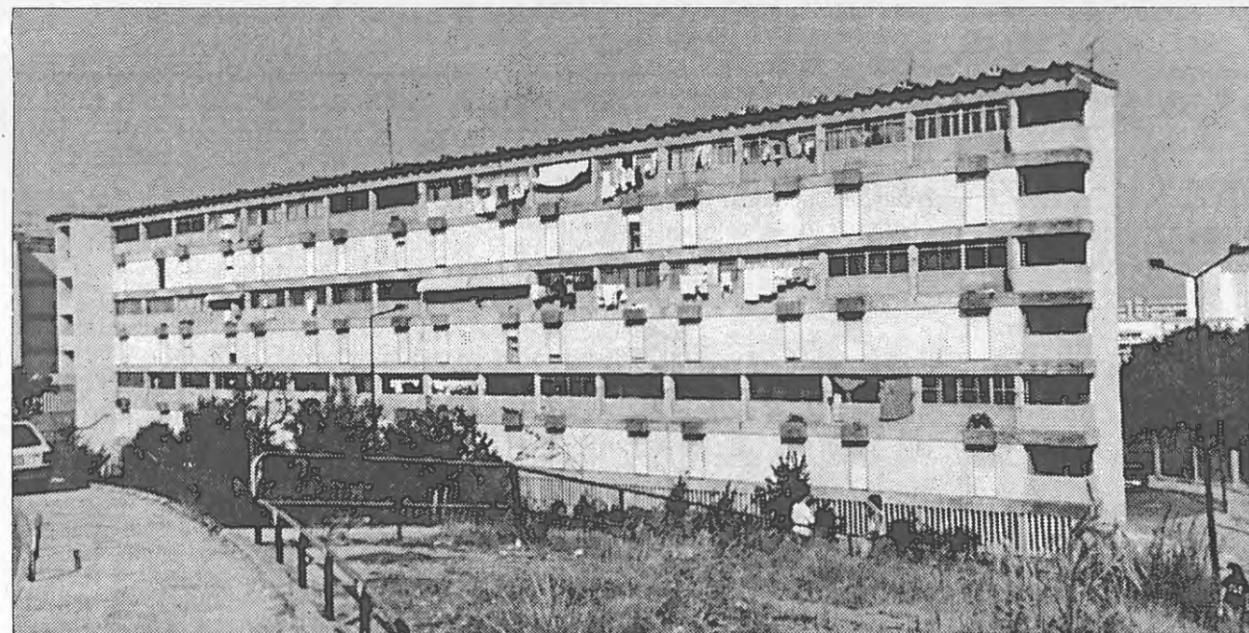
Fui visitar, há dias, uma família, a propósito da doença da mãe, nossa trabalhadora. Fiquei contente com o que vi. A casa era muito pobre; o chão de terra batida, mas muito limpo; divisões suficientes para os filhos, filhas e pais. É uma família sã e muito unida. A formação, por certo, está no alicerce deste edifício humano bem construído. Mas a casa ajuda-a a manter-se fiel aos princípios.

Há, contudo, um trabalho importante a fazer: acordar nas pessoas o desejo de não querer viver de qualquer maneira. Continuamos a viver na esperança numa Angola renovada.

Padre Manuel António

## BENGUELA

# Na esperança numa Angola renovada



◀ Blocos de habitação para Pobres que mais parecem amontoados!

## PATRIMÓNIO DOS POBRES

Continuação da página 1

Ficámos a meditar nestas informações com a carga do peso dos edifícios. Este nosso rapaz, já homem e pai de filhos, tem muita experiência do viver naqueles meios e naqueles bairros.

Nós continuamos e queremos continuar a alertar para este modo de viver das famílias degradadas. Não basta dar-lhes habitação. É preciso ajudá-los a habitar e acompanhá-los pela vida fora.

As autarquias, e outros promotores, têm de encarar este problema a sério. Necessitam de gente preparada para fazer este acompanhamento. São necessárias pessoas com vocação de entrega. Não podem ser simples funcionários, só porque recebem o salário ao fim do mês. Se não estivermos atentos, poderemos já não ter barracas, mas teremos muitos abarracados — o que ainda é pior.

Padre Horácio